



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINAR, O APRENDER E AS CULTURAS DIGITAIS

MARLEIDE DOS SANTOS CUNHA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Resumo:

Este texto traz breves considerações sobre as transformações que vivemos e que são proporcionadas por meio das culturas digitais. Nesse contexto o ensinar e o aprender entram como parte importante das relações vividas na escola, uma vez que o convívio escolar está inserido nesse mundo de mudanças contínuas, a partir dos sujeitos que nela estão. Assim, este estudo bibliográfico tem por objetivo proporcionar análise sobre as transformações na sociedade e na escola considerando o uso das culturas digitais. Como aporte teórico consultamos Canclini (2009), Lemos (2002), Santaella (2003), entre outros autores. Ao final, descobrimos quão importante é refletir e analisar sobre o mundo tecnológico, considerando as transformações que vivemos constantemente e que por isso compreender as mudanças e acompanhá-las, quando possível, é contribuir com esses novos tempos nos quais estamos inseridos.

Palavras-chave: Culturas digitais. Novos tempos. Transformação

Abstract:

This text provides brief comments on the changes which we live and which are provided via digital cultures. In this context the teaching and learning come as an important part of relationships lived in the school, since the school life is inserted in this world of continuous change, from the guys who are in it. Thus, this bibliographical study aims to provide analysis of the changes in society and in school considering the use of digital cultures. As the theoretical consulted Canclini (2009),

Lemos (2002), Santaella (2003), among other authors. At the end, we found out how important it is to reflect on and analyze the technological world, considering the changes that we live constantly and therefore understand the changes and follow them, when possible, is to contribute to these new times in which we live.

Keywords: Digital Cultures. New Times. Transformation

Introdução:

A escola tem papel fundamental na vida dos indivíduos e é uma peça chave na formação da sociedade. A função da escola é ampla e proporciona o desenvolvimento intelectual, cultural, social, interacional, entre tantos outros. O conhecimento formal também é produzido e compartilhado no ambiente escolar. Desse modo, a aprendizagem acontece em todo o processo educacional. Cada indivíduo tem suas experiências e assim pode produzir o conhecimento, sendo a aprendizagem singular, ou seja, ela é própria em cada um.

Ensinar e aprender são tarefas que caminham numa mesma direção. E o professor é esse mediador que pode também avaliar o nível de aprendizado adquirido pelo aprendiz. "Aprender e ensinar define os papéis essenciais desempenhados pelo aluno e pelo professor, respectivamente, na sala de aula. Sem essas atividades, a escola perde a razão de ser" (PIROMM NETTO, 1987, p. 1).

Assim, fica claro que a escola tem uma missão a cumprir. E a sociedade pode contribuir para que tenhamos na educação, um pilar de formar cidadãos conscientes e preparados para colaborarem no crescimento desse grupo organizado que vive sob as mesmas leis. Essa contribuição é dada à medida que se coloca na escola todos os indivíduos que vivem em sociedade, para que se beneficiem da aprendizagem e do ensino oferecido.

Desde o momento que nascemos, já começamos a entrar num processo educacional pessoal. E vamos crescendo e adquirindo comportamentos e hábitos. Essa educação vivida fora da escola é experiência própria de cada um, que pode ser aprendizado bom ou ruim. Mas, é na escola que passamos a ter o real entendimento do conhecimento formal e do alargamento das possibilidades de aprendizagem, muito embora a educação familiar seja à base de toda e qualquer educação.

O ato de aprender é muito vasto e não há conhecimento limitado, por isso é importante que o aprendiz tenha consciência disso. O conhecimento adquirido por meio do ensino e aprendizagem na escola é o básico, o essencial. Mas o ideal é que haja o entendimento por parte do aluno de que ele está sendo preparado para transformar o meio em que vive e ser um colaborador, uma pessoa

que assumirá responsabilidades e adquirirá por meio da aprendizagem, habilidades ímpares e por isso é importante que não se limite ao ensino daquele momento. A aprendizagem é um processo contínuo.

Desse modo, a escola também pode proporcionar um ambiente que acompanhe a modernidade vivida por esses tempos de contínuas inovações, uma vez que ao entrarem na sala de aula, os alunos geralmente já levam consigo recursos que os mantêm informados e ligados com o mundo.

Portanto, vivemos na era da internet, na qual podemos ainda refletir sobre aqueles que vivem conectados e os desconectados. Muitas são as perspectivas do mundo pós-moderno em relação às informações que chegam muito velozmente até nós. Porém, assim como há àqueles que vivem ligados a uma rede de computador, há os que fogem a essa regra, mas que também fazem parte deste tempo e do contexto deste século XXI.

Um olhar sobre as culturas digitais

Se em outros tempos as palavras de ordem eram a evolução e o progresso, hoje podemos tranquilamente falar sobre a transformação. A ideia atual talvez seja a de inventar técnicas e não apenas adquirirmos técnicas. Seria o reproduzir para reinventar. Se antes caminhávamos com a proposta de que todos os alunos devessem usar o modelo de roupa e fazer assim todos eles as mesmas coisas, automatizando o sujeito e objetivando esse indivíduo, podemos pensar agora na subjetivação do sujeito. Desse modo:

O progresso técnico é, daqui em diante, indiscutível, e não há escolha entre dois métodos técnicos. (...) A fala técnica se impõe sobre falas de outras ordens já que, com o advento da modernidade, entramos numa fase da evolução histórica de eliminação de tudo o que não é técnico, sendo o desafio da modernidade um desafio técnico. O progresso técnico, irreversível e em progressão geométrica, é a lei simbólica principal do imaginário tecnológico moderno. (LEMOS, 2002, p.54)

A tecnologia tomou conta da vida humana de forma que os indivíduos sentem-se impulsionados a imergirem nesse mundo do virtual, de modo a incorporá-lo como parte de suas vidas cotidianas. No ambiente escolar, por exemplo, os professores, além dos conteúdos que são ministrados em sala de aula, normalmente vem sendo criadas páginas, e-mails, blogs, grupos no WhatsApp, Facebook, etc, para que aconteça a comunicação com os alunos e também entre os alunos fora do ambiente da sala de aula, seria então uma extensão do espaço de aprendizagem na escola ou na

universidade.

Esse advento da era digital beneficia a sociedade que se vincula ao mundo pós-moderno, impulsionados pela própria dinâmica da interação com o outro que é parte de si no sentido de se estabelecer relações de reciprocidade e para se atingir objetivos comuns. No entanto, temos também os casos das pessoas que por diversas razões ainda se mantêm longe desse mundo virtual. No mundo escolar, por exemplo, ainda temos muitos docentes que optam viverem sem trabalhar com a informática, preferindo usar o computador apenas para digitar avaliações e alguns casos, nem isso, ou seja, o professor solicita que alguém faça isso por ele. Nesse sentido,

a virtualidade não tem nada absolutamente nada a ver com aquilo que a televisão mostra sobre ela. Não se trata de modo algum de um mundo falso ou imaginário. Ao contrário, a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade. Longe de circunscrever o reino da mentira, o virtual é precisamente o modo de existência de que surgem tanto a verdade como a mentira. (LÉVY, 1997, p. 148)

É muito frequente ouvir de algumas pessoas que o mundo virtual é o mundo da mentira. Nesses casos, muito frequentemente as afirmações vêm de indivíduos que não gostam de se comunicarem por meio das redes sociais, por exemplo. Muitas vezes essa repulsa vem das várias personalidades que os sujeitos assumem perante aquele com quem se comunica virtualmente. Por isso, há quem tenha verdadeiras aversões ao mundo virtual.

No entanto, aqueles fazem isso por opção e por terem descrédito a essa forma de comunicação, mas há outros que o fazem por não terem a acessibilidade. É o caso de pessoas que moram em lugares distantes que geralmente os sinais de comunicação ainda são um problema, a ampliação desses canais para locais longínquos é difícil e por isso não se têm cobertura com maior amplitude. Assim,

Muitos antropólogos estamos hoje interessados não só em contribuir para que os grupos marginalizados se afirmem e desenvolvam, mas também em entender as condições mais amplas que reproduzem sua marginalização e valorizar as oportunidades interculturais nas quais os povos buscam ser competitivos, fazer intercâmbios com outros e conviver. Enfim, não ficar sozinhos. Por isso, não nos dedicamos unicamente às minorias nem privilegiamos os rituais e as condições simbólicas. (CANCLINI, 2009, p.180)

Antes tínhamos o telefone, a carta, o fax, a televisão, o rádio, etc, e agora os aparelhos de comunicação foram ampliados. Porém, o acesso a internet e aos canais de TV dependem ainda das condições socioeconômico de cada um, por isso, mesmo que muitos tenham acesso a internet, mas a velocidade é variável e os canais de TV podem ser reduzidos ou alargados depende das condições financeiras de cada pessoa, pois a diversidade de planos são muitas.

Nessa perspectiva, muitas pessoas, por falta de opção, às vezes, continuam ainda sendo manipuladas por canais de televisão que se tornam atrativos para determinados grupos, pelas novelas que muitas vezes tentam abordar questões que a população ou o povo identifica-se, jornais manipuladores, programas de entretenimentos vazios, mas que fazem o povo sorrir, um telejornalismo que não oferece possibilidades de censo crítico a quem assiste, etc. Logo,

as pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do "Terceiro Mundo", podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação (HALL, 2006, p. 74)

E nesse sentido, refletimos um pouco sobre o poder da informação, sendo os meios de comunicação como uma ampliação do homem. Hoje, vivemos numa era na qual o próprio capitalismo transforma tudo em mercadoria, inclusive as pessoas. Algumas poucas empresas da telecomunicação decidem o que vai ou não ser notícia no mundo. A forma que lidam com determinadas notícias é quem vai dizer o tipo de formação que a maioria que assiste aquele canal terá. E isso tudo é importante ser dialogado na escola com os alunos, para que esses tenham condições de ampliar em suas casas, os debates iniciados em sala de aula.

Por isso, não podemos ser meros ouvintes ou telespectadores, aguçar o censo crítico pode e deve ser de grande valia para que aconteça uma revolução no mundo, no sentido de se ter pessoas contribuindo positivamente e transformando o momento histórico do qual fazem parte. Se a Revolução Industrial transformou métodos de produção artesanais em produção por máquinas, sendo assim um divisor de águas na vida do homem, ela possibilitou a transformação tecnológica e econômica até os dias de hoje.

Entretanto, "podemos conectar-nos com os outros unicamente para obter informação, tal como o faríamos com uma máquina provedora de dados. Conhecer o outro, porém, é lidar com sua diferença" (CANCLINI, 2009, p. 241). Nessa era tecnológica na qual estamos inseridos, há também o caso das pessoas com deficiência que não conseguem acessar determinados sites porque não

são acessíveis. E esta é apenas uma parcela da população que busca se inserir neste mundo tecnológico e assim se fazer presente por meio das tecnologias assistivas digitais, que são recursos que possibilitam o acesso e a autonomia da pessoa com deficiência. Contudo, as questões econômicas infelizmente acabam sendo muitas vezes fator determinante para que não se consiga acompanhar com igualdade de direitos o mundo tecnológico, pois a maioria dos recursos de acessibilidade seja softwares, hardwares, sintetizadores de voz ou recursos como livro falado, gravadores, e muitos outros, tudo isso custa muito caro.

Nesse sentido, pensamos também naqueles alunos que estão frequentando a escola e que fora dela já convive com todos os meios de possibilidades tecnológicas. Mas será que a escola vem acompanhando esse processo de desenvolvimento por meio da tecnologia no ambiente escolar? As informações via internet que agora também podem ser acessadas via celular, ipad, iphone, iOS, tablet, etc, o que torna muito simples o contato com o mundo globalizado. Porém, “a diversidade cultural e o reconhecimento das minorias começam a ser vistos como requisitos para que a globalização seja menos injusta e mais inclusiva” (CANCLINI, 2009, p.253).

No contexto de algumas escolas públicas o que se observa por meio da experiência de alguns docentes, é que há escolas que tem a sala de informática, mas nem sempre é usada, pois alegam que os alunos podem quebrar os computadores por isso limitam o uso destes. Quando não, possibilita à acessibilidade a internet, porém restringem apenas aos sites de pesquisa, uma vez que há estudantes que entram em site de bate-papo ou de relacionamentos, ou outros mais, fugindo assim da ideia de que os computadores da escola são para o benefício dos trabalhos escolares.

Contudo, podemos observar que há jogos que são bastante educativos e que poderiam muito bem ser utilizados para o bem do aluno durante as aulas, tanto quanto, das histórias contadas por meios digitais que também trazem muitos recursos audiovisuais possibilitando a ampliação de aprendizagem na escola por meio desses recursos.

Entretanto fica a questão de que a escola pode não ter condições de ofertar sempre aulas dessa natureza, principalmente as públicas, visto que há todo um programa de conteúdos que pode ser prejudicado considerando que nem sempre se consegue ministrar aulas contando com os recursos tecnológicos, pois sempre podem acontecer os imprevistos e a escola fica assim exposta a vulnerabilidades (sistema lento, computadores quebram e não tem máquina para todos e os técnicos demoram a consertar, funcionário da sala de vídeo ou de informática precisou faltar, etc). São esses e outros os problemas que estão expostos os alunos das escolas públicas, o que os torna com um pouco menos de oportunidades de ensino e aprendizagem de qualidade e de estarem antenados na escola com o contexto do pós-moderno.

No entanto, “o mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações” (SANTAELLA, 2004, p.18) e o desenvolvimento tecnológico possibilita armazenar e recuperar dados de uma forma surpreendente, de modo que nós, brasileiros, podemos superar as nossas próprias expectativas quando buscamos dar a atenção devida aos pressupostos que nos mantêm nesse mundo do avanço tecnológico. O comodismo às vezes nos paralisa e chegamos a considerar que o outro está sempre melhor preparado em termos de lidar com a modernidade, com a aprendizagem dessa era de pura renovação. Aprender o caminho da modernidade é sinal de que jamais retornaremos ao ponto inicial, pois aprendendo e ensinando é que o homem contribui com o seu próprio crescimento e o do outro que acaba sendo parte de si próprio, por isso as trocas e as experiências tornam-se fundamentais para a construção do novo homem e dos novos tempos.

Considerações finais:

Esse estudo traz breves considerações sobre o ensino e a aprendizagem considerando a interação entre os indivíduos nessa era tecnológica na qual as culturas digitais são de fundamental importância na construção do homem transformado pela modernidade desses novos tempos.

A escola tem papel fundamental nesse processo de formar pessoas atentas com o mundo tecnológico uma vez que a globalização nos insere nesse mundo da velocidade nas informações e do desenvolvimento, muito embora haja grandes críticas de que ela gere muitas exclusões na medida em que nem todos ficam imersos nesse contexto da troca de comunicação instantânea.

Está conectado ou desconectado é uma realidade ainda nessa era pós-moderna, pois as possibilidades de acessibilidade não torna todos inseridos nesse mundo digital como também as condições financeiras ainda são fator determinante para se ter ou não as inovações tecnológicas ao alcance de todos.

Falar em cultura digital é tratar de modernização, é abrir mão do velho para abraçar uma nova visão de mundo. Quando falamos então de ensino e aprendizagem na escola é importante refletir sobre o papel formador do professor que carrega em si o “poder” de transformar mentes muito embora haja por trás disso tudo uma sociedade formada por um forte capitalismo que determina com força as mudanças nas quais os homens estão sendo guiados.

Essa temática das culturas digitais na perspectiva do ensinar e do aprender é muito instigante, por isso esse estudo não deve parar por aqui, pois há muito ainda a ser discutido e analisado, até mesmo porque as transformações não param, e refletir um pouco sobre essa importante área de estudo e pesquisa é viajar constantemente e num ritmo acelerado de aquisição de conhecimento e inovações constantes.

Referências Bibliográficas:

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. – 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. – Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?**

São Paulo: Editora 34, 1997

PIROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: Ática, 2008

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura; coordenação Valdir José de Castro. – São Paulo: Paulus, 2003.

*Autora: Mestre em Educação (UFS); Membro do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED/UFS). E-mail: marleidedossantoscunha@yahoo.com

.br

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 07/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: